

IPHAN (2020). *Diversidade linguística indígena: estratégias de preservação, salvaguarda e fortalecimento*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Pp. 115 + Fotos. ISBN 978-65-86514-25-4.

Resenhado por **Angel Corbera Mori**
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1712-6550>

Camille Cardoso Miranda
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-3920-6247>

A Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o ano de 2019 como o “*Ano Internacional das Línguas Indígenas*” (*International Year of Indigenous Languages – IYIL 2019*), a partir dessa declaração foram realizados uma série de eventos com o objetivo de sensibilizar a sociedade nacional e internacional da necessidade urgente em se preservar, revitalizar e promover as línguas indígenas faladas em várias partes do mundo.

No dia 28 de fevereiro de 2020, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou, na cidade de México, a declaração sobre a *década internacional das línguas indígenas* (2022-2032), que terá como foco os direitos humanos de seus falantes. Tomando como base a experiência adquirida durante o ano Internacional das línguas Indígenas (2019), esta declaração relativa ao decênio releva a importância das línguas indígenas para a coesão e inclusão social dos direitos culturais, a saúde e a justiça. Também destaca a relevância das línguas indígenas para o desenvolvimento sustentável e a preservação da diversidade biológica, pois nela se encontram os conhecimentos ancestrais e tradicionais que unem a humanidade e a natureza. Segundo o presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas, Tijjani Muhammad-Bande, “devemos perceber que nas línguas existem conhecimentos científicos, sopros de sabedoria e costumes que permitem que a civilização passe de uma fase a outra”.¹

Como parte do Ano Internacional das Línguas indígenas realizou-se no campus “Darcy Ribeiro” da Universidade de Brasília o 3º Congresso Internacional, Povos Indígenas da América Latina: trajetórias, narrativas e epistemologias plurais, desafios comuns. Este evento internacional realizado em Brasília, entre os dias 3 e 5 de julho do ano de 2019, teve como objetivo principal estabelecer um diálogo entre as diversas disciplinas científicas, entre pesquisadores indígenas e não indígenas de diferentes países, povos e territórios. Nesse evento, os protagonistas principais foram os intelectuais e ativistas indígenas, que partilham com os não indígenas suas experiências e suas cosmovisões do mundo.

Posteriormente, entre os dias 1 e 4 de outubro do mesmo ano de 2019, realizou-se o II Congresso Internacional sobre Revitalização de Línguas Indígenas e Minorizadas (II CIRLIN), tendo novamente como sede anfitriã a Universidade de Brasília. Neste contexto, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) realizou nos dias 5 e 6 de outubro, no âmbito do II CIRLIN, o I Encontro Internacional sobre Diversidade Linguística Indígena (I EIDLI), tendo

¹ “debemos darnos cuenta de que en las lenguas hay conocimientos científicos, sopros de sabiduría y costumbres que permiten a la civilización pasar de una etapa a otra”.

como objetivo central as trocas de experiências e as diversas estratégias usadas na salvaguarda das línguas originárias. O evento contou com a participação de indígenas do Brasil, México, Guatemala, Peru e Chile, os resultados desse evento foram divulgados em uma publicação organizada pelo IPHAN (2020). Esta publicação como é explicitada na apresentação direcionada

tanto às comunidades indígenas quanto à gestão pública, organismos não-governamentais e instituições acadêmicas que tenham interesse no tema da salvaguarda da diversidade linguística indígena. O material produzido oferece uma gama de estratégias pensadas coletivamente por pesquisadores(as), professores(as) em pensadores(as) indígenas da América Latina, baseadas em suas práticas, realidades, reflexões e desejos. (Apresentação, p.10)

Além da apresentação, esta publicação inclui o prefácio “Palabras como conjuro al silencio”, texto escrito pela indígena do povo Ayuujk (Mixe) do México Yasnaya Elena Aguilar Gil (p. 12-16). Nas palavras da líder indígena, a “morte” das línguas não é um processo natural; ao contrário, ela é o resultado da violação sistemática tanto dos direitos humanos quanto dos direitos linguísticos das sociedades indígenas, praticada pelas sociedades hegemônicas dominantes e impulsionado pela ideologia neocolonialista dos estados nacionais contemporâneos.

A obra, em seu conjunto, está dividida em oito (8) seções: 1) A diversidade linguística na América Latina Indígena, 2) Diálogo intercultural como ocorreu o nosso encontro, 3) O que ajuda a fortalecer as línguas indígenas? 4) O que dificulta a continuidade das línguas indígenas e o que causa essas dificuldades? 5) Estratégias para o fortalecimento das línguas indígenas, 6) Diversidade linguística indígena: lições apreendidas e horizontes futuros, 7) Caixa ferramentas para continuar o diálogo, 8) Participantes do encontro.

Na primeira seção, o saudoso padre jesuíta e antropólogo Bartomeu Melià traça um breve panorama da diversidade linguística indígena na América Latina. O autor salienta a política unificadora que praticam a maioria dos Estados nacionais em reduzir a diversidade linguística, em detrimento à pluralidade cultural e ao plurilinguismo linguístico (p. 20). Melià reconhece o fato que alguns países da América Latina têm feito esforços em produzir leis relacionadas ao reconhecimento formal dos direitos linguísticos dos povos originários, tais como Nicarágua (1993), México (2003), Guatemala (2003), Venezuela (2008), Brasil (2010), Colômbia (2010) Panamá (2010), Paraguai (2010), Peru (2011) e Bolívia (2012) (p. 30). Embora essas iniciativas dos estados nacionais em reconhecer as línguas originárias sejam louváveis, de acordo com o autor, as falas dos participantes indígenas no II CIRLIN mostrou que “grande parte dos projetos de revitalização, preservação e promoção de suas línguas são realizadas por iniciativa dos próprios povos indígenas” (p. 31).

A segunda seção desta publicação é dedicada à descrição dos princípios que nortearam o I EIDLI, definido como diálogo intercultural e visto como o respeito e celebração da diversidade linguística e cultural. A equipe responsável em conduzir as atividades esteve a cargo de membros do IPHAN, da universidade Federal de Roraima e da universidade Veracruzana (México), e sendo distribuídos em seis facilitadores(as), seis relatoras e uma membro que se ocupou da documentação fotográfica (p. 39). Esta seção recupera informação sobre a integração do grupo que consistiu na tarefa de cada participante apresentar uma palavra específica de sua língua materna, cujo significado não fosse fácil de ser traduzido ao português. Registrou-se um total de 14 palavras indígenas, acompanhadas de uma breve descrição de seus significados correspondentes, por exemplo, a palavra *nai* na língua Shipibo (Pano) foi definida como “Céu, mundo maravilhoso, pela cosmovisão é onde vão os entes queridos” ou a palavra *I tho kheta* na língua Yaathe (Macro-Jê) do povo Fulni-ô, definida como o “início da mirada ou pai, aquele que vem antes. O pai representa o início da mirada, o começo do olhar daquele que chega ao mundo” (p. 45).

A seção (3) inclui as respostas dadas a questão levantada “o que ajuda a fortalecer as línguas indígenas?” Essa questão teve como foco incentivar a reflexão em torno às múltiplas formas de fortalecer as línguas faladas pelos diversos povos originários. Organizados em cinco grupos e cada grupo integrado por seis participantes dos diferentes povos participantes organizaram suas respostas, que posteriormente foram compartilhadas e debatidas entre todos os presentes. As respostas de cada grupo foram reproduzidas integralmente, sem comentário algum, em tabelas que foram registradas nas páginas 57-60.

As seções (4) e (5) trazem também respostas dos cinco grupos sobre os tópicos relacionados com i) a dificuldade que enfrentam as línguas indígenas e as causas que motivam essas dificuldades, 2) as estratégias que ajudam para o fortalecimento das línguas indígenas. As respostas correspondentes foram, igualmente, reproduzidas sem modificação alguma em tabelas inseridas nas páginas 65-86.

A seção subsequente (6) aborda a diversidade linguística indígena, as lições aprendidas e os horizontes futuros. De fato, fica claro que há uma profunda relação assimétrica entre as línguas originárias e as línguas hegemônicas faladas pelas sociedades dominantes. As línguas indígenas são configuradas como de baixo prestígio social, elas enfrentam a exclusão do sistema educacional oficial, e suportam a influências de religiões, principalmente fundamentalistas, que destroem a cosmovisão indígena, além de influência dos meios de comunicação de massas, que com o passar do tempo, levam a uma situação de homogeneização linguística e cultural.

Nesse sentido, a análise apresentada nesta seção destaca como causa principal do silenciamento das línguas indígenas, a escolaridade das crianças e jovens indígenas, uma forma de escolarização que nega as particularidades específicas de cada povo, desconhecendo a interculturalidade. Também se menciona a ineficiência ou mesmo a inexistência de políticas linguísticas e culturais que:

valorizem e incentivem o uso das línguas maternas, pouca presença das línguas indígenas na internet e redes sociais, bem como nos meios de comunicação em geral, baixíssima produção escrita nas línguas indígenas; racismo e discriminação em relação aos indígenas, transmissão intergeracional prejudicada ou enfraquecida pela escolarização; impossibilidade do uso das línguas indígenas nos ambientes públicos, tornando o mesmo restrito aos domínios domésticos e familiares. (p. 91)

Enfim, as seções (7) e (8) incluem links de projetos realizados pelos participantes indígenas do I EIDLI, sites de instituições que disponibilizam dados e conteúdos relacionados à diversidade linguística, assim como os nomes dos indígenas participantes do Encontro.

Sem dúvida, esta publicação do IPHAN é um valioso aporte ao conhecimento do futuro da diversidade linguística constituída, essencialmente, pelas diversas línguas faladas pelos povos originários. Os resultados descritos evidenciam a importância do diálogo intercultural em benefício da diversidade linguística latino-americana. Além disso, esta publicação vem ao encontro da edição em dois volumes da Guia de Pesquisa e Documentação publicado pelo próprio IPHAN em 2016.

Referências

CIPIAL (2019). *3º Congresso internacional povos indígenas da América Latina*.

<http://www.congressopovosindigenas.net/>

CIRLIN (2019). *II Congresso internacional sobre revitalização de línguas indígenas e Minorizadas*.

IPHAN (2016). *Guia de pesquisa e documentação. Patrimônio cultural e diversidade linguística*, vols. 1 e 2. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/INDL_Guia_voll.pdf

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Guia%20de%20Pesquisa%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20INDL%20-%20Volume%202.pdf>

IPHAN (2020). *Diversidade linguística indígena: Estratégias de preservação, salvaguarda e fortalecimento*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/diversidade_linguistica_indigena_estrategias_de_preservacao_salvaguarda_fortalecimento\(2\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/diversidade_linguistica_indigena_estrategias_de_preservacao_salvaguarda_fortalecimento(2).pdf)

Nações Unidas (2019). *Assembleia Geral lança ano internacional das línguas indígenas*.

<https://news.un.org/pt/story/2019/02/1658062>

Submetido: 18/12/2021

Aceito: 21/12/2021

Publicado: 22/12/2021